

# REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

Ter ou Não Ter  
uma Árvore de Natal

Pág. 4

O Dom de Línguas  
na Igreja de Corinto

Pág. 6

O Plano da Salvação  
nas Parábolas de Jesus

Pág. 10

## *Prece de Natal*

QUE SUAVE E DULCÍSSIMA ALEGRIA,  
QUE VONTADE DE AMAR EM TEU LOUVOR,  
SENTEM TODAS AS ALMAS NESTE DIA  
QUE REMEMORA TEU NATAL, SENHOR!

O DESPREZO DOS HOMENS, A AMARGURA,  
O CANSAÇO DA VIDA, A INVEJA, O MAL,  
TUDO PARECE QUE SE TRANSFIGURA,  
ANTE A PAZ E O ESPLENDOR DO TEU NATAL.

AS PROMESSAS DO AMOR, AS ESPERANÇAS,  
A VONTADE DE CRER E SER FELIZ,  
TRAZEM DE NOVO OS SONHOS DAS CRIANÇAS  
A TODO O CORAÇÃO QUE TE BENDIZ ...

HÁ NOS LINDOS PINHEIROS ENFEITADOS  
A MAIS PURA E SUBLIME ADORAÇÃO,  
DE TODOS OS QUE CHORAM SEUS PECADOS  
E TE GARANTEM MAIS CONSAGRAÇÃO.

QUE O TEU CONVITE AO BEM, DE TODO O ANO,  
E A TUA OFERTA DE PERDÃO, JESUS,  
ENCHAM DE FÉ O CORAÇÃO HUMANO  
PARA QUE O MUNDO SE CONVERTA EM LUZ!

Mário Barreto França

## SUMÁRIO

Grande Privilégio, Tremenda  
Responsabilidade  
Deus Enviou Jesus  
Ter ou Não Ter uma Árvore  
de Natal  
Os Sábios Ainda O Seguem  
O Dom de Línguas na Igreja  
de Corinto  
O Plano da Salvação nas  
Parábolas de Jesus  
ACWA — O Colégio Adventista  
da África Ocidental  
Com os Portugueses em França  
Nomeação do Novo Presidente  
da Associação Portuguesa  
Notícias do Campo  
Olha Agora para os Céus

### REVISTA ADVENTISTA

Publicação mensal

DEZEMBRO DE 1974

ANO XXXV

N.º 339

Director:  
ERNESTO FERREIRA

Administrador:  
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO  
S. A. R. L.

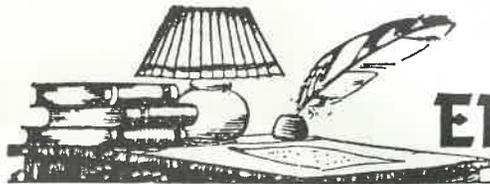
Redacção:  
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17  
LISBOA

Administração:  
RUA SALVADOR ALLENDE,  
LOTE 18, 1.º  
S A C A V É M

Composto e impresso na  
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.  
Alam. D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

#### Preços a partir de Janeiro de 1975:

Assinatura Anual: 50\$00  
Número avulso 5\$00  
Estrangeiro 70\$00



Página  
EDITORIAL

## GRANDE PRIVILÉGIO

## TREMENDA RESPONSABILIDADE

O capítulo oito de Deuterónimo é uma sábia advertência de Moisés para os Israelitas tomarem um momento de pausa e reverem o que foram para eles os últimos quarenta anos.

O povo devia lembrar-se dos momentos tristes em que passou pela humilhação e pela fome devido à sua rebelião antes de receber o maná e reconhecer que «nem só de pão vive o homem». Devia lembrar também e essencialmente o grande cuidado e amor de Deus, pois durante aqueles quarenta anos de vida errante pelo deserto, nunca o vestido envelheceu nem o pé inchou. «Apesar das agruras que tinham sofrido nenhum havia que fosse fraco em todas as suas filhas. Seus pés não se haviam inchado nas longas jornadas, tão-pouco se lhe envelheceu a roupa.» Patriarcas e Profetas, pág. 452.

Devemos ler este capítulo várias vezes na nossa vida; não só ao completar quarenta anos, mas pelo menos uma vez cada ano.

Este é certamente o momento oportuno de o fazer e de ponderar a nós no que foi para nós, para a nossa família e para a nossa Igreja este ano crucial de 1974. Além dos progressos verificados nos vários domínios, quer da nossa vida privada, quer na vida da nossa Igreja, temos, pelo menos, um motivo muito especial para manifestar a nossa gratidão a Deus: a

continuação e o alargamento da liberdade de culto e de reunião, assim como o consequente privilégio de maiores possibilidades e oportunidades de testemunhar em favor da nossa fé. Viver esta experiência e num tal tempo como este, é o nosso grande privilégio. Aproveitar esta oportunidade para testemunhar pelo exemplo e pela viva voz, do valor e poder do Evangelho, particularmente neste momento de crise e de dúvidas, é a nossa tremenda responsabilidade. «Os juízos de Deus estão na Terra e, sob a influência do Espírito Santo, precisamos dar a mensagem de advertência que Ele nos confiou. Temos que proclamar essa mensagem com rapidez... Os homens serão em breve forçados a tomar grandes decisões, e nosso dever é cuidar de que lhes seja proporcionada a oportunidade de compreenderem a verdade, a fim de que se decidam inteligentemente pelo direito. O Senhor chama Seu povo para trabalhar — trabalhar zelosa e prudentemente — enquanto dura o tempo da graça.» Test. Vol. 3, pág. 345.

Agradecemos a Deus pelas muitas bênçãos e inúmeros privilégios de 1974, rogando que perdoe as nossas negligências e que nos ajude a realizar grandes conquistas para a Causa do Evangelho em Portugal neste novo ano que se anuncia de 1975.

J. Dias

# Deus enviou Jesus

D. R. Manzano

A voz dos profetas extinguiu-se. Pesava sobre a terra a mão do conquistador, quando Deus enviou Jesus.

Os homens anelavam por uma religião que satisfizesse a alma. E Deus enviou Jesus.

Os homens, tristes e perplexos, procuravam luz. Tinham sede do conhecimento do Deus vivo. E Deus enviou Jesus.

A morte era um terrível mistério; o além, incerteza e escuridão. O homem almejava qualquer garantia de vida para lá do túmulo. E Deus enviou Jesus.

Foi a solução oferecida por Deus adequada à situação do homem? Estava Deus relacionado com a raça humana? Compreendia Ele a verdadeira necessidade do homem? Tem Jesus Cristo a solução para os problemas da humanidade?

Sim! Sim! Para dar a solução que resolveria todos os problemas, Deus enviou Jesus.

Alguma vez tivemos o secreto pensamento de que Deus deveria ter feito ou deverá fazer ainda algo mais para satisfazer as nossas necessidades? Às vezes, lendo ou ouvindo alguém falar, fico com a ideia de que outros pensam que Freud, Jung e os seus discípulos podem ajudar alguém, mas não têm tal certeza acerca de Jesus. «Se acaso Ele tivesse podido ler as obras destes homens, quão diferentemente decerto haveria pensado. Se, pelo menos, Lhe tivesse sido dado ler alguns dos actuais livros sobre as fontes de poder, quão diferentemente poderia Ele ter agido.»

Poderia?

Quando aprenderemos que, em Jesus, Deus procura o nosso bem? Que, separado d'Ele, o homem não pode fazer nada? Que o grito: «Miserável homem que eu sou! Quem me livrará das garras da minha autodestruidora natureza de pecado» é a única descrição de toda a humanidade separada de Cristo?

## Necessidade do Poder Divino

Deus enviou Jesus. Porquê? «É-nos impossível, por nós mesmos, sair do abismo de pecado em que estamos mergulhados. Nossos corações são maus, e não os podemos transformar. 'Quem do imundo tirará o puro? Ninguém'. 'A inclinação da carne é inimizada contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser'. A educação, a cultura, o exercício da vontade, os esforços humanos, tudo tem sua legítima

esfera de acção, mas neste caso são impotentes. Poderão levar a um procedimento exteriormente correcto, mas não podem mudar o coração; são incapazes de purificar os mananciais da vida. Para conduzir os homens do estado de pecado ao de santidade, é preciso um poder que opere interiormente, uma nova vida que proceda do Alto. Esse poder é Cristo. Apenas a Sua graça é que pode vivificar as faculdades inertes da alma, e atraí-las para Deus, para a santidade.» — **Aos Pés de Cristo**, págs. 15 e 16.

É isto o que Jesus Cristo faz. Foi por isto que Deus O enviou.

«A ideia de que basta desenvolver o bem que por natureza exista no homem, é um erro fatal...

«Mas, graças a Cristo, a terra foi de novo ligada com o céu. ... Cristo restabeleceu as relações entre o homem caído, fraco e impotente, e a Fonte do poder infinito.

«É em vão que os homens sonham com o progresso, é debalde que se esforçam pelo enobrecimento da humanidade, se deixam à margem a única fonte de esperança e de salvação que lhes é oferecida.» — **Ibidem**, págs. 16-19.

A melhor coisa que Deus poderia fazer por este mundo era enviar Jesus. Tal como Ele esteve no mundo, assim nós também devemos estar neste mundo. Disse Ele: «Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós» (João 20:21). O maior contributo que alguém pode dar à sociedade é mostrar, na sua vida, o Dom que Deus enviou. Se tão-somente pudéssemos apreciá-lo por aquilo que Ele é, quão emocionados nos sentiríamos com o Dom de Deus! «Oh! Contemplemos o maravilhoso sacrifício consumado por nós! Procuremos avaliar o esforço e energia que o Céu expende para reconduzir os extraviados ao lar paterno. Motivos mais fortes e agentes mais decisivos não poderiam jamais ser postos em acção; a recompensa inaudita reservada aos que fazem o bem, o gozo do céu, a sociedade dos anjos, a comunhão e o amor de Deus e de Seu Filho, o enobrecimento e aperfeiçoamento de todas as nossas faculdades através dos séculos da eternidade — não são acaso incentivos suficientes para nos impelir a consagrar ao nosso Criador e Redentor o afectuoso serviço de nossos corações?» — **Ibidem**, pág. 19.

Necessitamos conhecer Aquele que é o Dom de Deus, a fim de olharmos para as pessoas do modo como Jesus olhava para elas, para podermos aproximar-nos das pessoas da maneira como Jesus delas Se aproximava. Deixaremos

(Continua na pág. 13)

# TER OU NÃO TER UMA ÁRVORE DE NATAL

Durante os vinte anos em que o livro **The Adventist Home (O Lar Adventista)** tem estado à venda, os adventistas tiveram a oportunidade de examinar o que Ellen White diz sobre o Natal, como se deve celebrar nos lares adventistas, e o que diz acerca da árvore de Natal.

Ela não menciona a árvore de Natal em casa, mas diz que «Deus muito Se alegraria se no Natal cada igreja tivesse uma árvore de Natal sobre a qual pendurar ofertas, grandes e pequenas, para essas casas de culto.» — **O Lar Adventista**, págs. 481, 482.

Trata-se duma recomendação positiva. Ela não diz simplesmente que «Deus Se alegraria», mas: «Deus **muito** Se alegraria.» Não diz: «Se algumas igrejas quisessem ter uma árvore, Deus não faria objecção»; mas diz: «Deus muito Se alegraria se ... **cada** igreja tivesse uma árvore de Natal». O propósito é claramente indicado: para pendurar ofertas.

Mas alguns adventistas, devido aos seus antecedentes, acham difícil acostumar-se às árvores de Natal na igreja e em casa. Reconhecendo a origem da celebração do Natal no paganismo e no catolicismo, preferem ignorar completamente o feriado e evitar as suas decorações. As convicções da sua consciência devem ser respeitadas.

Segundo Francis X. Weiser, o Natal, como celebração cristã da Natividade, atingiu o seu auge dos séculos XII a XVI. Diz ele: «Com a Reforma do século XVI, produziu-se naturalmente uma grande mudança na celebração do Natal em muitos países da Europa. O Sacrifício da Missa — a própria alma da festa — foi suprimido. A Santa Eucaristia, a liturgia do Ofício Divino, os sacramentos e cerimónias, desapareceram todos. Iguamente as coloridas e inspiradoras procissões, a veneração da Bem-aventurada Virgem Maria e dos santos. Em muitos países, tudo o que ficou do outrora rico e glorioso festival religioso foi um sermão e um serviço de oração no Dia de Natal.» — **Handbook of Christian Feasts and Customs**, págs. 63, 64.

«Na Inglaterra», continua ele, «os Puritanos condenaram até a reduzida celebração religiosa que se fazia na igreja anglicana após a separação de Roma ...

«Quando os Puritanos chegaram finalmente ao poder político na Inglaterra, declararam imediatamente o Natal fora da lei.» — **Ibidem**.

Quando o Natal voltou a aparecer, o aspecto espiritual foi deixado livremente aos pastores, enquanto em casa se tornou um dia de divertimento e festança sem carácter religioso. Pro-

moveu-se o espírito de boa vontade e da generosidade.

Para a América, os colonos levaram consigo os costumes dos diversos países da sua proveniência. Os alemães, por exemplo, levaram a árvore de Natal. Assim a celebração do Natal tem variados antecedentes e, para o povo, diferentes significados.

Para os adventistas do sétimo dia, nunca foi uma festa religiosa. Quando se uniam à igreja, os conversos traziam consigo atitudes variadas em relação com o Natal. Qual deveria ser a sua nova atitude? Não admira que se tivessem levantado interrogações; e, a algumas delas, Ellen White respondeu.

Deveria o dia ser completamente ignorado? Ela disse: «Ser-vos-á difícil passar por alto este período sem lhe dar alguma atenção. Ele pode ser utilizado para um bom propósito.» — **O Lar Adventista**, pág. 478.

A propósito de prendas, disse o seguinte: «Está certo concedermos a outros demonstrações de amor e afecto, se fazendo assim não esqueçamos a Deus, nosso melhor amigo.» — **Ibidem**, pág. 479.

Em 1884 escreveu: «Que se registre nos livros do Céu um Natal como jamais houve, em virtude dos donativos que forem dados para o sustento da obra de Deus e o erguimento do Seu Reino.» — **Ibidem**, pág. 483.

## Jeremias Escarnece os Fabricantes de ídolos

Já nos referimos às observações de Ellen White sobre árvores de Natal nas igrejas. Alguns põem objecção à árvore de Natal, baseando-se na declaração de Jeremias: «Porque os costumes dos povos são vaidade: pois cortam do bosque um madeiro, obra das mãos do artífice, com machado. Com prata e com ouro o enfeitam, com pregos e com martelos o firmam, para que não se mova.» (Jeremias 10:3, 4). Embora um certo princípio possa ser aqui aplicado, Jeremias não está falando de árvores de Natal, mas de ídolos que os pagãos talhavam das árvores. Isto é evidente nos versículos 5 e 6: «São como a palmeira, obra torneada, mas não podem falar; necessitam de quem os leve, porquanto não podem andar: não tendes receio deles, pois não podem fazer mal, nem tão-pouco têm poder de fazer bem. Ninguém há semelhante a Ti, ó Senhor: Tu és grande, e grande o Teu nome em

(Continua na pág. 13)

# Os sábios ainda O seguem

Kenneth H. Wood

Natal. A palavra tem uma espécie de magia. Com isto não queremos dizer que Jesus tenha nascido em 25 de Dezembro. Não acreditamos que tenha sido nessa data. Mas a magia do Natal não está numa data, está num acontecimento — o maior acontecimento que jamais se deu na terra. Não tem importância se Jesus nasceu ou não a 25 de Dezembro. O facto indiscutível é de que Ele nasceu. O Filho eterno de Deus veio a esta terra. Velou o ofuscante esplendor da Sua divindade e tornou-Se um como nós. Ele, Criador, fez-Se bebé na mangedoura de Belém. Deus, revestido da humanidade, deu entrada neste mundo hostil, preparado para tudo arriscar, a fim de salvar a humanidade.

Que noite aquela, em que Jesus nasceu, para a família humana! Com certeza deveria haver bandas a tocar e coros a cantar!

Mas não. Ninguém naquela nação escolhida deu as boas-vindas ao Menino Jesus. Nem tão-pouco os dirigentes. Estavam demasiado ocupados com as cerimónias, os ritos, a rotina espiritual. Eram demasiado rígidos nos seus conceitos sobre a maneira como deveria aparecer o Messias. Eram demasiado ignorantes acerca dos escritos proféticos.

Apesar de tudo isto, o nascimento de Jesus foi devidamente notado e celebrado. Anjos cantaram, dizem as Escrituras: «E, tendo nascido Jesus em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém, dizendo: Onde está aquele que é nascido Rei dos judeus? porque vimos a Sua estrela no oriente e viemos a adorá-l'O» (Mat. 2:1,2). «E, entrando na casa, acharam o Menino com Maria sua mãe, e, prostrando-se, O adoraram; e, abrindo os seus tesouros, Lhe ofertaram dádivas: oiro, incenso e mirra» (vers. 11).

Os visitantes do Oriente eram «magos», ou seja «homens sábios». Eram filósofos, pessoas de nascimento nobre que haviam estudado as evidências da Providência na natureza e ansiavam por um mais claro conhecimento do Eterno. Voltando-se para as Escrituras Hebraicas, descobriram que estava próximo o advento do Salvador.

Uma noite viram nos céus uma estrela de brilho fora do vulgar. Familiarizados com o céu nocturno e a posição dos corpos celestes, sabiam que aquela luz brilhante não era nem uma estrela fixa nem um planeta. Assim, com a convicção de que se tratava de um sinal do Prometido, e instruídos através de sonhos, lançaram-se a caminho

do Ocidente, viajando de noite para não perderem a estrela de vista.

Quando por fim encontraram o Menino, lançaram-se por terra, adorando-O. «Através da humilde aparência exterior de Jesus, reconheceram a presença da Divindade. Deram-lhe o coração como a seu Salvador, apresentando então as suas dádivas — 'ouro, incenso e mirra'.» — **O Desejado de Todas as Nações**, pág. 44.

O maravilhoso exemplo dado por aqueles ilustres pensadores tem sido seguido por milhões durante os últimos 1,900 anos. Como aqueles Homens Sábios, multidões têm examinado as Escrituras, têm sido conduzidas ao Salvador, e têm-Lhe dado o melhor dos seus tesouros. Têm dedicado as suas vidas a Ele, imitando o Sua humildade, amor, coragem, honestidade e abnegação. Como os três Sábios dos tempos antigos, encontraram a maior alegria dando ao Mestre os seus melhores dons. Em vez de utilizarem egoisticamente os seus tesouros com a própria pessoa, fechando o coração às necessidades da humanidade, têm-se dado primeiramente a si mesmos, e depois os seus recursos, para que outros possam ser abençoados.

Para muitos, a quadra do Natal tornou-se, não um símbolo de abnegação, mas de comércio. Há brinquedos espalhados por toda a parte. É a altura em que as lojas de discos, as lojas de vestuário, as lojas de artigos alimentares e toda a espécie de lojas se esforçam por aproveitar a sua parte do mercado do Natal. É a altura de os «Pais» Natal sentarem nos joelhos crianças assustadas e escutarem as suas longas listas de desejos. O materialismo e o egoísmo são entronizados e Cristo é esquecido, enquanto se compram dispendiosas ofertas para pessoas que já têm tudo aquilo de que precisam.

Mas apesar de a história de Belém ter sido tão infelizmente misturada e obscurecida com as compras e vendas nesta época, não percamos de vista a figura central da história do Natal — o Menino Jesus. Todas as nossas esperanças se centralizam na verdade de que a Criança nascida de Maria em Belém não era um bebé vulgar. Aquele bebé era o próprio Filho de Deus, o Redentor prometido. Não admira que Isaías tivesse declarado profeticamente, séculos antes do Seu nascimento: «Um Menino nos nasceu, um Filho se nos deu; e... o Seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz» (Isa. 9:6).

Jesus foi um Bebé perfeito. Foi uma Criança perfeita. Foi um Homem perfeito. A Sua vida,

(Continua na pág. 19)

# O DOM DE LÍNGUAS NA IGREJA DE CORINTO

Por Jean Zurcher

Segunda parte do artigo que, com o mesmo título, apareceu no número de Setembro e faz parte da série sobre o Movimento Carismático, da autoria do Dr. J. Zurcher.

No capítulo 14 da sua primeira epístola aos Coríntios, Paulo atacou seriamente o problema de falar em «língua estranha» («uma língua», **Revised Standard Version**) que se tinha levantado na igreja de Corinto. Como já antes notámos, ninguém pode saber com certeza os pormenores desse problema. Por outro lado, os coríntios sabiam perfeitamente bem e com exactidão acerca do que Paulo estava a escrever; cada expressão, cada pormenor, tinha que ver com factos conhecidos. Ainda que a nossa compreensão do assunto comporte certas lacunas e a nossa explicação seja em parte conjectural, as conclusões tiradas pelo apóstolo não deixam lugar para dúvida.

Ao abordar o assunto, Paulo declara claramente que a sua intenção é convidar os leitores a estudar o dom preeminente, isto é, o dom de profecia (vers. 1). Este convite domina através de todo o capítulo e é repetido na sua conclusão: «Portanto, irmãos, procurai, com zelo, profetizar» (vers. 39). São múltiplas as razões para esta admoestação e Paulo não deixa de as indicar em contraste com o falar em «língua estranha» de certos coríntios. Mas antes de vermos essas razões, devemos, desde o princípio, definir a espécie de falar em línguas discutido neste capítulo.

## Duas Espécies de Falar em Línguas

Como já assinalámos, alguns pensam tratar-se apenas de uma questão de falar em línguas estrangeiras. Por outro lado, certo número de tradutores acreditam que neste capítulo se deve considerar ser questão de línguas extáticas. Aqui está o problema: Qual das hipóteses é correcta? Por um lado, parece inconcebível que Paulo e Lucas dessem interpretações diferentes a uma expressão que designasse o mesmo dom e a mesma manifestação do Espírito de Deus, mas, em contraposição, é também claro que o falar em «língua estranha» praticado pelos coríntios

não era o mesmo que o «falar noutras línguas» dos apóstolos no Pentecostes. Em Jerusalém os discípulos falaram nas línguas dos seus ouvintes, porque todos os ouviram falar das obras maravilhosas de Deus nas suas próprias línguas (ver Actos 2:11). Ao contrário, em Corinto, aquele que falava em «língua estranha» não falava aos homens, porque ninguém o entendia, visto que em espírito falava de mistérios (I Cor. 14:2). Não falava aos outros, mas «consigo mesmo e com Deus» (vers. 28). Como é possível, então, explicar este paradoxo, a aparente semelhança e a aparente diferença? Haverá algum pormenor que permita estabelecer uma distinção entre as duas coisas?

Lendo este capítulo no grego original, não podemos deixar de reparar no uso alternado e suficientemente definido — a meu ver — das expressões «falar em língua», no singular (vers. 2-4, 7-17, 26-36), e «falar em línguas», no plural (vers. 5-6, 18-25, 39). É certo que os tradutores nem sempre foram cuidadosos em notar esta diferença ortográfica. **The New English Bible**, por exemplo, e a tradução francesa de Segond apresentam a expressão plural como singular nos versículos 18 e 21, e não são cuidadosas em notar a diferença entre as duas expressões noutras lugares. Ao contrário, noutras versões da Bíblia, tais como a **King James Version**, a **Revised Standard Version**, a **Traduction Oecuménique de la Bible** [e também a tradução portuguesa de Almeida], etc., os tradutores assinalaram essa diferença traduzindo o singular por «língua estranha», «outra língua», ou simplesmente «língua», e o plural por «falar línguas».

A diferença pode parecer insignificante mas, ao analisar o texto, esta diferença torna-se muito evidente. Em primeiro lugar, a expressão «falar em língua» (no singular) é sempre seguida por observações negativas ou restritivas; enquanto que a expressão «falar em línguas» (no plural) é apresentada de modo positivo. «Eu quero que todos vós faleis línguas» (vers. 5); «dou graças ao meu Deus, porque falo mais línguas do que vós todos» (vers. 18); e depois esta conclusão: «Não proibais falar línguas» (vers. 39). Como a expressão plural é a mesma que é usada em I Cor. 12:30, Actos 10:46 e 19:6, onde é especificado o dom de falar línguas estrangeiras, e uma vez que esse dom é essencialmente um meio de pregar o evangelho a descrentes (I Cor. 14:22), são compreensíveis as restrições de Paulo para

o seu uso na igreja. «Se eu for ter convosco falando em outras línguas, em que vos aproveitarei», pergunta o apóstolo, «se vos não falar por meio de revelação, ou de ciência, ou de profecia, ou de doutrina?» (vers. 16) [versão Almeida actualizada]. «Todavia», declara ele categoricamente, «eu antes quero falar, na igreja, cinco palavras na minha própria inteligência, para que possa também instruir os outros, do que dez mil palavras em língua desconhecida» (vers. 19).

### Uma Diferença Fundamental

Os versículos 18 e 19 decifram lúcida e enfaticamente a diferença que existe entre o dom de «falar línguas» (no plural), pelo qual Paulo dá graças a Deus, e «falar em língua desconhecida», em que dez mil palavras não têm o valor de «cinco» noutra língua.

O exegeta alemão Walter Bauer, em *Wörterbuch zum N. T.*, assinala que nesta passagem Paulo está dando ênfase a uma comparação de qualidade, mais do que de quantidade. Segundo ele, o advérbio «**mallon**» (mais) indica que o apóstolo está agradecendo a Deus por o seu «falar em línguas» ser superior ao «falar em língua» dos coríntios (conf. Filip. 1:9; 3:4). Além disso, a comparação feita no versículo 19 estabelece claramente que cinco palavras do discurso de Paulo valem mais que dez mil palavras «em língua». Isto era verdade por duas razões: o «falar em línguas», como Paulo utilizava o dom, apelava para a inteligência e tinha a finalidade de instruir os outros, uma coisa que o «falar em língua», praticado pelos coríntios, nunca fez.

Realmente, se a característica de «falar em línguas» (plural) era poder efectuar-se unicamente com a ajuda da própria inteligência, uma qualidade particular do «falar em língua» (singular) parece ter sido o facto de se exercer sem entendimento (vers. 14). Não só aquele que falava «em língua» falava de mistérios que ninguém entendia (vers. 2), mas ele próprio não sabia o que estava a dizer, pois o seu entendimento ficava «sem fruto» (vers. 14). Para não errar, Paulo respeitava as intenções espirituais daqueles que oravam e cantavam «em língua», sem o uso da inteligência, mas ele próprio queria orar, cantar e falar tanto com o espírito como com o entendimento (vers. 15).

Quando Paulo acentua a importância do entendimento (inteligência) pela quarta vez nos versículos 14-19, creio que estabelece claramente a diferença fundamental entre «falar em línguas» e «falar em língua». O primeiro é um dom do Espírito e é exercido com a intenção de comunicar inteligentemente a mensagem de Deus aos homens de outras línguas; enquanto que o último, como era praticado pelos coríntios, era um fluxo de mistérios, palavras ininteligíveis que não edi-

ficavam ninguém e a que ninguém podia responder «Ámen», porque ninguém compreendia o que era dito (vers. 16).

### Para Que Palavras e Sons Possam Ser Uma Língua

Nos versículos 7-12 Paulo destaca duas outras características que são indispensáveis à linguagem inteligente, qualidades que parece terem faltado no «falar em língua» dos coríntios: os sons distintos e o sentido preciso das sílabas e palavras. Na realidade, pela maneira como eram emitidas, as palavras e sílabas pareciam basicamente uma língua humana. Assim, usando instrumentos musicais como exemplos, Paulo ilustra o seu pensamento perguntando: «Mesmo com coisas inanimadas que produzem som — uma flauta, por exemplo, ou uma lira — a menos que as suas notas marquem intervalos definidos, como se poderá saber que música está a ser tocada? Ou ainda, se o toque de trombeta não for claro, quem se preparará para a batalha? Do mesmo modo, se a vossa extática expressão não revelar nenhum sentido definido, como poderá alguém saber o que estais dizendo? Estareis a falar para o vento» (vers. 7-9, **New English Bible**).

Além disso, para que as palavras e sons sejam uma linguagem ou uma língua, não basta multiplicar meramente os sons e as sílabas; ainda é indispensável que tenham tanto significado para quem fala como para quem ouve. «Quantas espécies de som (**phoné**, som, em contraste com **glossa**, língua) há, ou pode haver, no mundo! Nada é completamente desprovido de som (**aphoné**, sem voz, mudo). Mas, se eu não souber o significado do som (**phoné**) emitido por quem fala, as suas palavras serão zombaria para mim, e as minhas para ele (vers. 10, 11, **New English Bible**). Dito doutra maneira, a distinta articulação das sílabas e o conhecimento das palavras são indispensáveis, segundo Paulo, para que uma linguagem seja um meio inteligente de comunicação. Que utilidade teria o dom das línguas, se não fosse isso mesmo: um instrumento miraculoso para comunicar o evangelho aos homens de outras línguas em circunstâncias anormais, como durante o Pentecostes? E, como nessa altura, tal dom tem razão de ser unicamente na medida em que contribui para a edificação da igreja (vers. 12). Como os outros dons do Espírito, foi dado «para o que for útil» (12:7).

### Edificação, Ordem e Decoro

Ora, para sermos exactos, «o que fala língua estranha não fala aos homens» (vers. 2). «Fala consigo mesmo» (vers. 28), e, conseqüentemente, «o outro não é edificado» (vers. 17). «O que fala língua estranha edifica-se a si mesmo» (vers. 4).

É portanto impossível a essa pessoa satisfazer as regras fundamentais da conduta dentro da igreja, declaradas e repetidas ao longo destes capítulos, as quais requerem: «Faça-se tudo para edificação» (vers. 26).

Depois de o declarar assim mais uma vez, Paulo estabelece as seguintes linhas de orientação: «E, se alguém falar língua estranha, (1) faça-se isso por dois, ou, quando muito, três, (2) e por sua vez, (3) e haja intérprete. (4) Mas, se não houver intérprete, esteja calado na igreja» (vers. 27, 28). Tantas restrições e ordens, amavelmente dadas, claro está, para eliminação gradual do que ainda restava dos costumes pagãos na igreja de Corinto — uma espécie de «falar em língua» própria dos glossolalistas adoradores de ídolos, a que se refere Paulo na sua introdução (ver 12:2).

Então, nos versículos 34 e 35, Paulo escreve acerca do comportamento da mulher na igreja de Corinto. Estavam todos a par do papel preponderante da mulher nos cultos pagãos, dada a sua natural inclinação para essa espécie de manifestações. Portanto, ele não cedeu no mínimo: «Conservem-se as mulheres caladas nas igrejas», escreveu, «porque não lhes é permitido falar; ... porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja» [edição Almeida actualizada]. Na realidade, dentro do contexto do capítulo 14, devia entender-se nesta admoestação «falar em língua», visto que anteriormente o apóstolo tinha reconhecido à mulher o direito de orar e profetizar em público (I Cor. 11:5), isto é, de falar aos crentes nas suas reuniões com a finalidade de «edificação, exortação e consolação», de acordo com a definição dada no versículo 3. Este exemplo torna possível discernir novamente a diferença que Paulo desejou estabelecer entre «falar em língua», que ele abertamente procurou limitar na igreja de Corinto, e «falar línguas», que ele se comprazia em recomendar a todos, associando isso, no seu pensamento, ao dom de profecia, o dom por excelência (Rom. 12:6). «Eu quisera que vós todos falásseis em outras línguas;» escreveu aos coríntios, «muito mais, porém, que profetizásseis» (I Cor. 14:5) [edição Almeida actualizada].

### **A Profecia como Meio de Comparação**

Mais que todos os pontos analisados até aqui, é o último aquele que justifica uma distinção entre o verdadeiro dom de línguas e a sua contrafacção. Quando Paulo compara o «falar em língua» dos coríntios com a profecia, põe sempre os dois em contraste um com o outro; apresentando-os como opostos entre si. «O que fala língua estranha não fala aos homens» (vers. 2); por outro lado, «o que profetiza fala aos homens» (vers. 3). O primeiro «edifica-se a si mesmo»; o segundo «edifica a igreja» (vers. 4). «Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas» (vers. 32) — isto é, os profetas sabem o que estão

a dizer e a fazer; enquanto que os que «falam em língua» parecem falar ao mesmo tempo, em desordem, sem compreenderem o que dizem. «Porque Deus não é Deus de confusão, senão de paz» (vers. 33). Daí a conclusão, não menos fundamental: «Mas se não houver intérprete, esteja calado na igreja» (vers. 28), e, em contraposição, esta outra: «Procurai, com zelo, profetizar» (vers. 39).

As comparações feitas por Paulo entre o dom de línguas e o dom de profecia são completamente diferentes. Longe de os apresentar sistematicamente em oposição um com o outro, Paulo estabelece a sua estreita relação. É evidente que «o que profetiza é maior do que o que fala línguas» (vers. 5). Isto está em harmonia com as listas dos diferentes dons espirituais, como a que se encontra no capítulo 12. Mas se há alguém para interpretar, o que fala línguas estranhas é igual ao profeta, visto que a igreja é edificada por ambos, tanto por um como pelo outro (vers. 5).

Os textos do livro de Actos realçam também a estreita relação entre o dom de línguas e o de profecia. Eles encontram-se de facto tão associados que são inseparáveis; Lucas menciona-os sempre juntos. De acordo com a explicação de Pedro sobre o milagre de Pentecostes, o dom de línguas e o de profecia parecem ser praticamente a mesma coisa: «Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, ... mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: 'E nos últimos dias ... os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão'» (Act. 2:15-18). Com certo cambiante do significado, Paulo diz que o dom de línguas é para o mundo o que a profecia é para a igreja: «De sorte que as línguas são um sinal, não para os crentes, mas para os descrentes; e a profecia não é sinal para os descrentes, mas para os crentes» (vers. 22). Através do dom de línguas, o evangelho podia ser pregado a toda a nação, tribo, língua e povo. E graças ao dom de profecia, Deus fala ao crente para «edificação, exortação e consolação» (vers. 14:3); e, para ele, «os segredos do seu coração ficarão manifestos e, assim, lançando-se sobre o seu rosto, adorará a Deus, publicando que Deus está, verdadeiramente, entre vós» (vers. 25). É por isso que, longe de dizer aos coríntios que falavam línguas estranhas que fiquem calados, Paulo conclui este capítulo com a exortação: «Portanto, irmãos, procurai, com zelo, profetizar, e não proibais falar línguas.» A isto acrescentou apenas uma precaução: «Faça-se tudo decentemente e com ordem» (vers. 39, 40).

### **O «Falar em Língua» dos Coríntios**

Como temos visto, havia uma diferença real entre o «falar línguas» tal como se praticou no Pentecostes e o «falar em língua» dos coríntios.

Este último tinha todas as características de glosolalia — expressões extáticas — como se pratica nos nossos dias nos círculos carismáticos e como foi antes praticado pelas religiões pagãs da Grécia. Na sua tentativa para explicar a breve frase «falar em língua», Jean Héring fez a seguinte interessante observação: «Já no mundo helenístico, **glossa** (língua) se tinha tornado um termo técnico para designar uma língua arcaica usada espontaneamente na adoração, por vezes mesmo uma linguagem incompreensível, como a da Pitonisa de Delfos». A apoiar esta afirmação, deu vários outros exemplos dos clássicos gregos. (N. T. Commentary, VII, pág. 111, Delachaux et Niestlé, 1959.)

O próprio Paulo sugere uma comparação semelhante ao introduzir o problema criado pelos «inspirados» de Corinto: «Vós bem sabeis que éreis gentios, levados aos ídolos mudos, conforme éreis guiados.» Além disso, chega a lembrar-lhes que certa maneira de falar não pode ter a sua origem no Espírito de Deus (12:2, 3).

Podemos então perguntar por que razão não condenou Paulo radicalmente esta forma de adoração pagã. Como explicámos já, Paulo atribuía estas práticas, primeiramente, à ignorância daqueles que as seguiam (12:1). Depois, no respeito pela sinceridade dos que agiam dessa maneira, ele aplicava os princípios daquele amor descrito no capítulo 13, na maneira de lidar com eles. «O amor é paciente, é benigno; o amor ... tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (vers. 4-7) [edição Almeida actualizada]. Paulo sabia que, entre os gregos, falar em linguagem extática era a mais elevada forma de comunhão com a divindade. Não condenou essa maneira de adorar a Deus, em si mesma. Paulo reconheceu que «o que fala em língua estranha não fala aos homens, senão a Deus» (14:2); que ele fala «conigo mesmo e com Deus» (vers. 28); que a sua «oração de graças pode corresponder àquilo que se deseja» (vers. 17, **New English Bible**), mas que apenas ele é edificado. É por isso que Paulo procurou mostrar aos coríntios que há outra maneira de «falar línguas» qualitativamente superior, a qual, em vez de ser uma linguagem unicamente para si mesmo e Deus, é, ao contrário, uma linguagem para os outros, da parte do próprio Deus. E quando é realmente assim, o dom de línguas transforma-se em profecia. «E eu quero que todos vós faleis línguas estranhas, mas, muito mais, que profetizeis» (vers. 5).

### Procurai, com Zelo, Profetizar

Para se poder compreender a insistência de Paulo em favor do dom de profecia, em oposição com o «falar em língua» dos coríntios, é necessário que nos coloquemos no ambiente religioso daquele tempo. Eis-nos em presença de dois tipos de

religião e, conseqüentemente, duas fontes de inspiração (I Cor. 12:2, 3); o tipo profético e o tipo místico. Ora profetizar é para o culto do Deus verdadeiro o mesmo que a linguagem extática é para a adoração das divindades pagãs. É através da profecia que Deus fala aos homens; que o evangelho é espalhado por todo o mundo, e que a igreja é edificada e os homens são conduzidos à adoração do verdadeiro Deus (14:4, 24, 25).

O misticismo das religiões gregas, em oposição à adoração profética judaico-cristã, culmina na expressão extática. Devido aos seus hábitos passados e à sua ignorância espiritual (12:1, 2), o principal erro dos glossolalistas coríntios consistia em crer que a acção do Espírito era tanto mais evidente quanto o adorador se encontrasse em estado de êxtase e que, quanto mais o «inspirado» perdesse o domínio de si mesmo, mais perfeita seria a sua comunhão — uma espécie de dissociação do espírito com a mente. Foi isto exactamente o que Paulo refutou (14:14-19).

As ideias dos coríntios harmonizavam-se com aquelas em que os gregos acreditavam. Platão explicou-se muito bem em **Timaeus** quando escreveu: «Ninguém na posse do seu entendimento pode conhecer a verdadeira inspiração divina.» De acordo com este conceito de entusiasmo e inspiração, considera-se que a pessoa «inspirada» é um instrumento inconsciente, completamente passivo. Paulo opôs-se a esta ideia errada chamando a atenção para o exemplo do profeta que, enquanto sob a influência do Espírito Santo, age e fala na posse do seu entendimento, conservando o perfeito domínio de si próprio. E especificou: «os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas» (vers. 32).

Em resumo, foi contra estas crenças pagãs, ainda muito activas na igreja coríntia, que Paulo dirigiu as suas observações e conselhos. Fê-lo com extremo tacto, mas igualmente com uma firmeza inequívoca. «Se alguém cuida ser profeta, ou espiritual, reconheça que as coisas que vos escrevo são mandamentos do Senhor. Mas, se alguém ignora isto, que ignore» (vers. 37, 38), ou, de acordo com a tradução da **New English Bible**, «se ele não reconhece isto, tão-pouco ele deve ser reconhecido.» Por outras palavras, uma vez que ele não reconhece aquilo que vem de Deus, ninguém deve reconhecer as suas pretensas inspirações. Paulo deseja deste modo defender a igreja contra uma invasão dos costumes pagãos. Nos capítulos precedentes da sua epístola, refutara outras práticas; aqui advertiu contra o uso duma falsa maneira de «falar em língua», própria das religiões místicas pagãs, e chamou a atenção dos crentes para o verdadeiro dom de línguas, e especialmente para o dom de profecia, que é o sinal preeminente da religião do verdadeiro Deus.

(Continua na pág. 19)

# O PLANO DA SALVAÇÃO

por Kenneth H. Wood

Jesus não obscureceu a verdade; pelo contrário, explicou-a. Ela sabia que, para os ouvintes beneficiarem do Seu ensino, devia usar termos que eles pudessem compreender. Devia tornar o plano da salvação tão simples e claro que até mesmo uma criança pudesse dizer: «Vejo o caminho! Posso salvar-me!»

Um dos mais eficientes métodos de Cristo para transmitir a verdade era pelo uso de parábolas, ou histórias. As parábolas eram difíceis de esquecer; gravavam com nitidez a verdade na mente. Além disso, a mensagem das parábolas era como que um assalto às defesas da alma. Como disse certo escritor, «um ensino prosaico poderia não quebrar a nossa obstinada vontade, mas a visão do pai (na história do filho pródigo) correndo a abraçar o seu caprichoso filho deixa-nos completamente desarmados».

Tratam as parábolas da doutrina da justiça pela fé? Sim. Notemos o que dizem acerca de quatro aspectos desta doutrina.

(1) *Deus ama o homem, procura-o quando está perdido e alegra-Se quando é encontrado.* Este ponto é salientado em Lucas 15 nas parábolas da ovelha perdida, da moeda perdida e do filho pródigo.

Pense-se na preocupação do pastor ao contar as suas ovelhas e descobrir que falta uma. Apenas uma. Mas em vez de se contentar com as 99, o pastor, sem considerar a sua comodidade ou segurança pessoal, avança no meio das trevas à procura da sua ovelha desgarrada e desamparada. Procura até encontrar a pobre vadia e trazê-la em segurança para casa.

O homem perdido, como uma ovelha perdida, nunca pode, pela sua própria sabedoria ou força de vontade, encontrar o caminho de regresso a Deus. Acha-se desamparado. Mas o amor divino vem em seu auxílio. E quando o Pastor o encontra como a ovelha, perdido, perecendo de solidão, de frio e de fome, coloca-o entre os Seus braços eternos e puxa-o para junto de Si, a fim de que ele possa sentir o Seu amor e ser aquecido pela Sua presença.

Poderia alguma parábola apresentar mais claramente a verdade de que «a salvação

não é alcançada por procurarmos a Deus, mas porque Deus nos procura»? — *Parábolas de Jesus*, pág. 19.

## O Fariseu e o Publicano

(2) *A única maneira como o homem pode ser salvo é lançando fora o seu orgulho e reconhecendo que não tem nenhuma justiça própria, que depende completamente da graça e da misericórdia de Deus.* Em Lucas 18:9-14 está relatada a parábola dos dois adoradores — o fariseu e o publicano. O fariseu, como Caim, era egocêntrico e satisfeito consigo mesmo. Não sentia a sua condição de perdido. Considerava-se justo. Orgulhosamente, em 34 palavras (incluindo cinco referências à sua própria pessoa), fez uma lista das suas virtudes (Luc. 18:10-12).

Por contraste, o publicano, como Abel, reconheceu que a sua única esperança de salvação residia em Deus e na Sua misericórdia. A sua oração foi breve, apenas sete palavras: «Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!» (vers. 13). Mas, disse, «este desceu justificado para sua casa, e não aquele» (vers. 14). Nestas poucas palavras Jesus explicou que a justiça própria não tem mérito. O homem só pode ser reconciliado com Deus pela graça divina. A culpa humana não pode ser removida pelas boas obras. O homem só é justificado quando sente a sua pecaminosidade e pede a Deus misericórdia.

Outra parábola — a parábola dos dois devedores — ilustra impressionantemente o facto de o homem ter uma tão grande dívida para com Deus, que nunca poderá pagá-la (Mat. 18:12-35). Na parábola, o devedor devia ao rei 10 000 talentos. E uma vez que o homem não podia satisfazer a sua obrigação, o rei «perdoou-lhe a dívida» (vers. 27). É interessante notar como infelizmente o homem não compreendeu que a magnanimidade do rei requeria uma mudança na sua vida, esperando-se que ele perdoasse também aos que lhe deviam. Tratou asperamente com os seus devedores, e imediatamente o rei anulou o seu próprio perdão. O perdão é pela graça, mas não é incondicional!

Há outras lições ensinadas nesta parábola, mas esta é a verdade principal: «O homem estava sob a condenação da lei que-

# NAS PARÁBOLAS DE JESUS

brantada. Não podia salvar-se por si mesmo, e por este motivo veio Cristo a este mundo, velando Sua divindade com a humanidade, e deu Sua vida — o Justo pelo injusto. Entregou-Se por nossos pecados, e oferece livremente a toda a alma o perdão comprado com Seu sangue.» — *Ibid.*, págs. 244, 245.

(3) *Depois de responder ao amor de Deus, o pecador ainda continua dependendo completamente da graça divina. Tanto o seu acesso ao céu como a sua preparação para ele tem origem em Deus.* Esta verdade é claramente apresentada nas parábolas do filho pródigo e da veste nupcial.

Observemos o quadro do pródigo a caminho de casa, de regresso dum longínquo país. Tem fome, não tem dinheiro, veste farrapos. Embora terrivelmente abatido pela sua condição, não tem meios de a modificar. Mas duma coisa tem ele a certeza — o pai ainda o ama.

Por fim, fraco, tremendo, sujo, com a roupa esfarrapada, o pródigo chega à vista da propriedade paterna. «E, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão, e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou» (Luc. 15:20). Que amor! Tudo está perdoado! O pai restabelece imediatamente o seu arrependido filho, dum modo completo, na sua anterior posição!

Depois, enquanto os vizinhos e servos começam a reunir-se, o pai anda «a segunda milha» no amor. «Não permite que olhos desdenhosos vejam a miséria e andrajos do filho. Toma de seus próprios ombros o manto amplo e valioso, e lança-o em volta do corpo combalido do filho.» — *Ibid.*, pág. 203. E naquele instante o filho sabe que é um membro da família com plenos direitos. O passado não conta. Figuradamente, o pai vestiu-o de justiça imputada. Porque tinha esperado o pai? Apenas pela cooperação do seu filho.

A parábola das bodas (Mat. 22:1-14) aponta para vários aspectos da doutrina da justiça pela fé não abrangidos na história do filho pródigo. Enquanto revela a enorme magnanimidade e o amor do rei fornecendo aos hóspedes alimento e vestes apropriadas, também mostra que o uso da veste nupcial não é facultativo, mas obri-

gatório. Algo se requer dos hóspedes — devem reconhecer a sua necessidade da veste e estar disposto a usá-la.

Na parábola, o rei veio à sala do banquete para dar as boas-vindas aos hóspedes e confraternizar com eles. Entretanto reparou num homem que envergava simplesmente o seu fato «de todos os dias». Admirado, o rei perguntou: «Amigo, como entraste aqui, não tendo vestido nupcial?» (vers. 12). O vestido estava à disposição. O homem tinha tido oportunidade de o utilizar. Evidentemente, ele tinha escolhido deliberadamente não o vestir.

Pouco admira que, quando o rei lhe perguntou: «Como entraste aqui não tendo vestido nupcial?» o homem tivesse emudecido. Não tinha desculpa. A sua conduta mostrava que não estava apto a participar da festa de casamento.

## O Vestido Representa o Carácter

Nesta parábola «a veste nupcial simboliza o carácter que precisa possuir todo aquele que há-de ser considerado hóspede digno para as bodas... A justiça de Cristo, Seu próprio carácter imaculado, é, pela fé, comunicada a todos os que O aceitam como Salvador pessoal.» — *Ibid.*, págs. 307-310.

A veste de justiça de Cristo envolve uma transformação do carácter. Jesus veio salvar o homem do pecado, não no pecado (Mat. 1:21). Ele perdoa o pecado, mas também purifica de toda a injustiça (I João 1:9). Veio «para tirar os nossos pecados» (I João 3:5). Veio para tornar possível aos seres humanos viver de harmonia com a Sua vontade expressa na Sua lei. «Por Sua obediência perfeita tornou possível a todo homem obedecer aos mandamentos de Deus» — *Ibid.*, pág. 312.

«Ao nos sujeitarmos a Cristo, nosso coração se une ao Seu, nossa vontade imerge em Sua vontade, nosso espírito torna-se um com Seu espírito, nossos pensamentos serão levados cativos a Ele; vivemos Sua vida. Isto é o que significa estar trajado com as vestes de Sua justiça. Quando então o Senhor nos contemplar, verá não o vestido de folhas de figueira, não a nudez e deformidade do pecado, mas Suas próprias vestes de justiça que são a obediência perfeita à lei de Jeová.» — *Ibid.* (Itálico nosso).

A parábola das bodas esclarece que para viver na atmosfera incontaminada pelo pecado que é a do céu, uma pessoa tem de usar a veste da justiça de Cristo, que é obediência perfeita. Vitória, completa vitória sobre o pecado, é o objectivo! Um carácter como o de Cristo!

Não há dúvida de que a norma é elevada. Mas ninguém deve desanimar. Quando o pródigo regressou a casa arrependido, o pai imediatamente o cobriu com um valioso manto. Para cada hóspede nas bodas que cooperou com os planos do rei, o monarca providenciou uma veste. E Deus providenciou o manto da justiça de Cristo. O homem não pode ganhar a salvação, não pode modificar o seu próprio coração, não pode de si mesmo guardar os mandamentos de Deus, mas Deus torna isto possível e fornece a força necessária. Implanta um «coração novo» e oferece graça para o crescimento a todos quantos cooperarem. Como isto se passa está ilustrado nas parábolas que passamos a examinar.

(4) *Quando o homem aceita Cristo na sua vida, o poder sobrenatural combina-se com a vontade humana para transformar o carácter.* Isto é ensinado na parábola do semeador (Mat. 13:1-9, 18-23). Quando o semeador lança as sementes no seu saco, algumas caem sobre o terreno duro, algumas na superfície rochosa coberta apenas por uma fina camada de terra, outras entre os espinhos, e outras ainda na terra fértil, cultivada.

A palavra de Deus é a semente, explica Jesus. Esta semente foi semeada em toda a espécie de terreno, em todas as partes do mundo. Nalguns casos, produziu pouco efeito, noutros, efeitos temporários; mas muitas vezes produziu resultados impressionantes. Vidas mundanas de pecado foram completamente modificadas. A semente é a mesma; o terreno é diferente.

A semente da palavra de Deus, como a semente no mundo natural, pode ser pequena e pouco impressionante na aparência, mas tem vida em si mesma. «Em cada mandamento, em cada promessa da palavra de Deus está o poder, sim, a vida de Deus, pelo qual o mandamento pode ser cumprido e realizada a promessa. Aquele que pela fé aceita a Palavra, recebe a própria vida e o carácter de Deus.» — *Ibid.*, pág. 38.

Deus fornece a semente, fornece a vida, fornece o poder. A nossa parte é cooperar, recebendo a semente no coração e proporcionando-lhe um ambiente favorável em que possa crescer. «Recebei na alma, pela fé, a incorruptível semente da Palavra, e ela produzirá carácter e vida à semelhança

do carácter e vida de Deus.» — *Ibid.* Produz o homem um carácter semelhante ao de Cristo com o seu próprio esforço? Não. A semente é de Deus. O poder é de Deus. A justiça é de Deus, aplicada na vida pelo Espírito Santo.

O apóstolo Paulo escreveu: «O evangelho de Cristo ... é o poder de Deus para salvação» (Rom. 1:16). «Quando uma alma recebe a Cristo, recebe também o poder de viver a vida de Cristo.» — *Ibid.*, pág. 314.

As mesmas verdades gerais demonstradas na parábola do semeador são ensinadas na parábola do fermento.

«A que compararei o reino de Deus?» perguntou Jesus. Depois respondeu à Sua própria pergunta: «É semelhante ao fermento que uma mulher, tomando-o, escondeu em três medidas de farinha, até que tudo levedou» (Luc. 13:20, 21).

O fermento é um poder implantado do exterior, porém opera do interior. E, a menos que haja uma interferência, continua o seu trabalho, silenciosa mas poderosamente, até que toda a massa tenha sido atingida.

Assim é com a graça de Deus. «Em todos quantos se querem submeter ao Espírito Santo deve ser implantado um princípio novo de vida ... A energia renovadora precisa vir de Deus. A mudança só pode ser efectuada pelo Espírito Santo.» — *Ibid.*, págs. 96, 97.

Calmamente, como o fermento, o Espírito Santo usa a Palavra para transformar os pensamentos, modificar as inclinações, dominar os maus traços de carácter, proporcionar novos motivos, estabelecer novos valores e criar desejos profundos de santidade. A natureza humana une-se com a natureza divina.

Produzem-se mudanças impressionantes na vida de todos os que cooperam com o Espírito. «Amam doravante o que outrora aborreciam, e aborrecem o que outrora amavam. O orgulhoso, o arrogante, torna-se manso e humilde de coração. O que era vaidoso e autoritário torna-se circunspecto e acessível. O ébrio torna-se sóbrio, e o licencioso torna-se puro. Os vãos costumes do mundo e suas modas serão renunciados.» — *Aos pés de Cristo*, pág. 62.

#### A Nossa Esperança Está em Cristo

Isto é justiça pela fé. É uma mudança sobrenatural operada por Deus quando o homem coopera com Ele. A esta entrega confiante e cooperadora do pensamento, do sentimento e da acção chama-se fé. Não admira que o apóstolo Paulo tenha exclamado:



# ACWA

## O Colégio Adventista da África Ocidental

por J. H. Wollan

Vamos convidar-vos hoje a uma curta visita ao Colégio Adventista da África Ocidental, ou, como é mais conhecido pela sua sigla, o ACWA.

Fundado em 1959 para enfrentar a necessidade de obreiros na África Ocidental, o ACWA recebeu, em 1963, autorização da Conferência Geral para entrar no número dos colégios reconhecidos na categoria de «Senior».

Dado que a maioria dos membros adventistas na África Ocidental se encontram no Ghana e na Nigéria, o colégio está localizado numa posição central. Fica a aproximadamente dois quilómetros da cidade de Ilishan-Remo no Estado Ocidental da Nigéria e entre os dois grandes centros populacionais — Lagos e Ibadan — a cerca de 100 quilómetros de cada uma dessas cidades.

A primeira coisa que se nota ao visitar este colégio, situado numa propriedade de 148 hectares, é a beleza dos seus arredores. O terreno foi obtido por um arrendamento de 99 anos, com a condição de o colégio construir, num prazo de dez anos, em determinadas parcelas do terreno cedido pelos proprietários. A maior parte dos edifícios exigidos pelo arrendamento já estão construídos, mas há ainda uma grande necessidade de fazer melhoramentos.

O Colégio Adventista da África Ocidental oferece dois cursos principais ao nível superior: o Bacharelato em Teologia e o Diploma Geral



Alunos trabalhando na propriedade do Colégio



Aula de Evangelismo Público, no ACWA

de Comércio, apoiado pelo Exame Intermediário da Associação Internacional de Contabilistas, de Londres.

Ao nível secundário, o colégio oferece dois cursos: Certificado Ministerial (4 anos) e Certificado de Obreiro Bíblico (2 anos). O ano escolar, de harmonia com as universidades da Nigéria, vai de Setembro a Maio.

A última inovação foi um curso de música. Teoria da Música, Coro, Piano e instrumentos de banda são as matérias ensinadas e, no ano passado, 50 % dos estudantes participaram neste curso.

Existe uma boa disciplina entre os estudantes. São boas as relações entre estes e a administração. O actual corpo docente consiste de oito professores em tempo completo e dois outros dando apenas algumas horas.

Uma activa Sociedade de Missionários Voluntários reúne-se três vezes por mês. O colégio ocupa-se de sete grupos de crenças e faz funcionar três Escolas Sabatinas Filiais. De facto, o ACWA tem um programa modelo de Escola Sabatina perfeitamente organizado.

Há dois anos, organizaram-se dois esforços de evangelização e, como resultado, baptizaram-se 20 pessoas. Quando o colégio veio para Ilishan-Remo, há doze anos, não havia membros adventistas na vizinhança, e hoje, como resultado directo da evangelização feita pelo ACWA, o número de membros da igreja (sem incluir a família escolar) eleva-se a 125. Todas as semanas se reúnem os grupos de oração, dos quais formam parte todos os estudantes.

A biblioteca tem uma colecção de 7500 livros. Mas a actual sala de leitura é completamente inadequada (36 lugares para mais de 200 alunos). Isto tem de ser melhorado.

Para ajudar o Colégio Adventista na África Ocidental, a Divisão da Europa do Norte e da África Ocidental votou que 50 % do excesso da oferta do 13.º Sábado do quarto trimestre deste



junto. Diante de Deus foi feito um voto de recon-sagração. Cercava-nos a emoção por estarmos agora reunidos num país estrangeiro, falando a mesma língua, professando a mesma fé. Todos tinham sido batizados no mesmo baptistério, todos tínhamos feito o mesmo voto e, com os olhos fitos no Céu, demos ali em Tullins a partida para que se organizassem reuniões periódicas com todos os portugueses batizados e não batizados que vivem na região.

De comum acordo com a União Sul-Europeia e a Federação do Sul da França com sede em Montpellier, tive agora o privilégio de passar duas belas semanas com os nossos irmãos em Tullins, e todas as noites nos reuníamos para cantar e estudar as Sagradas Escrituras. Fui acompanhado e secundado pelo Pastor da região de Grenoble e ficou estabelecido que uma reunião teria lugar cada semana, e ao partir deixámos ali organizada uma bela Classe baptismal. Pensam os nossos irmãos Botelho comprar uma casa com uma sala maior para receber todos quantos queiram ouvir a Mensagem Adventista. Querendo o Senhor, haverá, pois, uma cerimónia baptismal na próxima Primavera. Oxalá o Senhor continue abençoando o Pastor local, meu velho companheiro de Collonges, a colher ali muitas almas preciosas para o Reino dos Céus. Exactamente como o grupo de Tullins, há em outras regiões da França e da Suíça muitos outros portugueses que suspiram pelas Escrituras. Muitos, é verdade, têm o privilégio de estar ligados às nossas Igrejas, como por exemplo os de Paris ou Neuilly, grupo que também tive o privilégio de visitar com o Pastor Fernando Mendes. Mas quantos há que nunca mais ouviram um culto em português, nem mais receberam um fraterno aperto de mão de um irmão em Jesus?

Oremos por todos eles e que em breve os isolados também possam ser visitados regularmente.

Vosso no Mestre,  
**Orlando Costa**



Que grande alegria sentimos agora!

## NOTÍCIA DA ÚLTIMA HORA

# NOMEAÇÃO DO NOVO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA



À hora em que a nossa revista vai para a tipografia, chega-nos a notícia da nomeação do novo presidente da Associação Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, feita pelo Conselho da União Sul-Europeia, em Roma, na pessoa do Pastor **António Simões Lopes Baião**.

O Pastor Baião é obreiro na Causa do Senhor desde Abril de 1952, data em que aceitou um chamado para servir nas Missões em Angola. Ali trabalhou durante 6 anos. Depois foi enviado para os Açores, onde permaneceu 3 anos, dirigindo o trabalho nos distritos de Angra do Heroísmo e Ponta Delgada. Regressado à Metrópole, pastoreou durante 5 anos a igreja do Porto, levando simultaneamente a responsabilidade do Departamento dos Jovens da então Conferência Portuguesa. Foi seguidamente transferido para a igreja central de Lisboa, onde continuou a sua actividade com a Juventude. Desde 1968, o Pastor Baião tem-se dedicado particularmente ao trabalho dos departamentos. Teve a satisfação de organizar a obra da Rádio em Portugal e ver desenvolver-se o programa da «Voz da Esperança», de que foi sempre o locutor. À data da sua nomeação para a presidência do Campo português, acumulava a responsabilidade dos departamentos de Jovens, Rádio, Escola Bíblica Postal, Relações Públicas e Liberdade Religiosa.

Conhecido em todas as igrejas do nosso país como evangelista dinâmico e eficiente, pelas muitas campanhas de evangelização que tem dirigido sob a égide da sua acarinhada «Voz da Esperança», possuidor de um carácter profundamente humano, jovem ainda no corpo e no espírito, o Pastor Baião reúne qualidades que farão dele um verdadeiro dirigente, para quem imploramos porção dobrada da força e da graça do Espírito de Deus, no desempenho da sua nova responsabilidade.

**A Redacção**

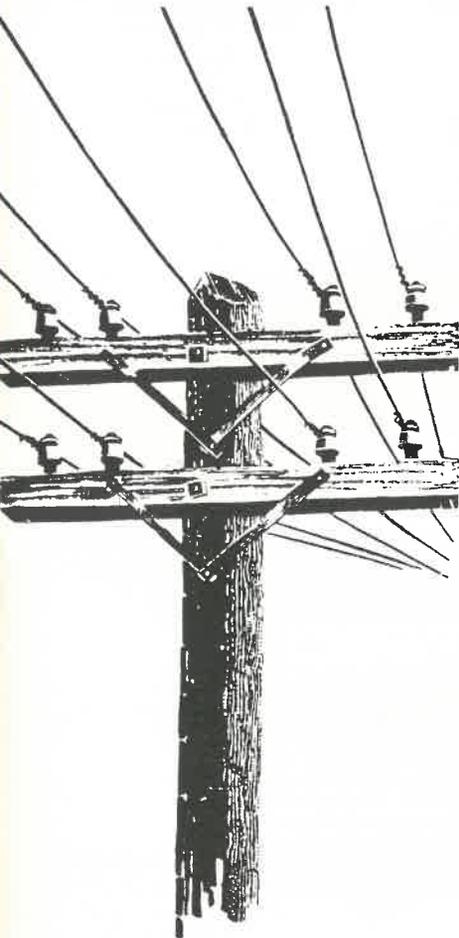
---

---

# NOTÍCIAS DO CAMPO

---

---



## Armando Casaca

No dia 4 de Novembro chegou a Portugal o Pastor Armando Casaca, presidente da União Angolana. Poucos dias depois partiu para Berna, a fim de ali participar nas reuniões do Conselho Anual da Divisão Euro-Africana.

## Maranus Paula

Na mesma data chegou a Lisboa o Irmão Maranus Paula, cidadão brasileiro residente nos Estados Unidos, que aceitou um chamado para ir trabalhar na Obra em Angola. Demorou-se no nosso país alguns dias, a fim de tratar de documentação. No Sábado 9, dirigiu a palavra na igreja de Oliveira do Douro. Seguidamente partiu para o seu campo de trabalho, onde exercerá as funções de professor.

## Ernesto Ferreira

A 6 de Novembro partiu com a sua Esposa, a Irmã Irene Ferreira, para Sagunto, Espanha, o Pastor Ernesto Ferreira, por haver acei-

tado um chamado do Seminário Adventista Espanhol. O Pastor Ferreira era presidente do Campo Português desde Maio de 1969, cargo que já antes havia desempenhado (1950-1957). As suas novas funções são de professor e director do Departamento de Teologia, bem como pastor da igreja do Seminário Espanhol. A **Revista Adventista** reconhece a competência e dedicação com que foi por ele dirigida durante todos estes anos e, ao mesmo tempo que lhe augura ainda um longo período de profícua e feliz actividade, reafirma que nunca poderá dispensar a sua preciosa colaboração, para a qual mantém abertas as suas páginas, e pela qual se sente agradecida.

## Victoriano Montalbán

Nos dias 6 e 7 de Novembro passou em Portugal o Pastor Victoriano Montalbán, um dos secretários de campo da Conferência Geral, a caminho da Suíça, a fim de participar em Berna na reunião anual da Divisão Euro-Africana. O Pastor Montalbán teve ocasião de falar à igreja central de Lisboa, na reunião de oração da quarta-feira, dia 6.

## Juvenal Gomes

De passagem para o Conselho anual da nossa Divisão em Berna, tivemos a 10 de Novembro a visita do Pastor Juvenal Gomes, secretário-tesoureiro da União Angolana.

## Domingos Suquina

Na mesma data e com o mesmo destino, passou também em Lisboa o Pastor Domingos Suquina, secretário do Campo Missionário do Cuale, Angola.

## Amílcar Lopes

Vindo de Moçambique, com regresso permanente à Metrópole, chegou com sua esposa e filhos, no dia 18 de Novembro, o Pastor Amílcar Lopes, que ultimamente dirigiu a igreja de Lourenço Marques.

## Alberto Nunes

No dia 16 de Novembro, com sua esposa e filhos, e após um período de férias na Metrópole, regressou ao seu campo de trabalho, em Moçambique, o Pastor Alberto Nunes.

## Henrique Berg

Vindo de Berna, onde participou no Conselho da Divisão, passou por Lisboa o Pastor Henrique Berg, presidente da União de Moçambique, para onde se dirigiu depois de ter falado na igreja central de Lisboa, no Sábado 30 de Novembro.

## João Braff

Vindo de Cabo Verde, e na qualidade de presidente daquela missão, passou por Lisboa o Pastor João Braff, no dia 12 de Dezembro, a caminho de Roma, para ali participar no Conselho da União Sul-Europeia.

## INAUGURAÇÃO DA SALA DE CULTO EM BRAGA

No passado dia 12 de Outubro teve lugar a cerimónia da abertura duma sala de Culto na cidade de Braga.

Pelas 15 horas, crentes adventistas vindos de diversos lugares do país, começaram a congregar-



Momento de agradecimento à Associação, na pessoa do Pastor Ferreira, pela participação nas obras



Algumas palavras de estímulo para o trabalho dos leigos

-se junto à nossa sala de Braga, sita à Rua Frei Caetano Brandão, 101. Foi para todos nós um motivo de regozijo podermos notar crentes de «General Roçadas», Figueira da Foz, Canelas, Oliveira do Douro, Porto, Vizela, Delães e Vila do Conde. Todas estas pessoas juntamente com os crentes de Braga e com os visitantes, formavam um grupo ruidoso e felizes que assistiu com invulgar respeito e emoção ao decorrer da cerimónia, debaixo da direcção do Pastor Ernesto Ferreira.

Deixemos para o fim um breve apontamento de como se processou esta reunião e consideremos agora algumas coisas interessantes sobre a Obra Adventista em Braga.

Vem de longe o interesse da Direcção da nossa Obra em dar os passos necessários para podermos ter uma sala na cidade de Braga. É natural que assim seja, posto que, não esqueçamos Braga é a capital do Minho, é uma cidade que fica situada num ponto estratégico do país e que tem, na hora presente, para cima de 40 000 habitantes. Foi através do Departamento Rádio-Postal que surgiram os primeiros contactos com algumas pessoas em Braga, seguindo-se outros esforços no âmbito do Departamento da Colportagem e, ainda, um ou outro, no domínio dos contactos pessoais. Mas foi só no ano de 1971, com a chegada a Braga do nosso irmão Inocêncio Silva e família, que o trabalho tomou novas perspectivas. Ao mesmo tempo que se dedicava à colportagem, o Ir. Inocêncio partilhava o conhecimento da Mensagem Adventista com alguns amigos e

conhecidos vindo a resultar que algumas pessoas entregaram o seu coração a Jesus e foram baptizadas. (Duas dessas pessoas encontram-se ao presente estudando em Collonges, preparando-se para o Ministério, as quais saudamos daqui, com sincera amizade cristã, nesta hora feliz para Braga.)

Devemos agradecer também a todos os crentes que nos Congressos Regionais ultimamente realizados, contribuíram com as suas ofertas para minorarem o «peso» de algumas dezenas de contos que foram necessários gastar para que a Sala em Braga seja hoje o que é: uma sala pequena e humilde, mas um lugar sóbrio, digno e inspirador para o Culto Divino.



Um aspecto da assistência à reunião inaugural

Fazemos um pedido a todos os nossos leitores que tenham família ou amigos residindo em Braga ou arredores: Por favor mandem-nos os nomes e as moradas dessas pessoas para que as visitemos da vossa parte e da Igreja, para que oremos por elas e para que as possamos ajudar no Caminho do Evangelho de Jesus.

Mandem os nomes e moradas para:

TEMPLO ADVENTISTA DO PORTO  
Rua Ferreira Cardoso, 103  
PORTO

em nome do Pastor ou em nome da Obreira Bíblica nossa Irmã Judite do Amparo Mendes.

Programa da inauguração em Braga no dia 12 de Outubro pelas 16 horas:

Presentes na tribuna o Pastor Ernesto Ferreira e José M. Matos, tendo-se juntado, alguns momentos depois, o Ir. Inocêncio Silva e o Ir. Manuel Mendes como impulsores do trabalho naquela cidade e na sua qualidade de diáconos.

Oração de Invocação: Pastor J. M. Matos.

Hino 113: «Buscou-me com ternura Jesus o Bom Pastor».

Breve Histórico: J. Matos.

Sermão: «Para quem iremos nós?»: Pastor Ferreira.

Hino Final: «Vem vivifica a Tua Igreja».

Cerimónia da consagração de Rúben Mendes filho recém-nascido dos Irmãos Rosa e Manuel Mendes.

Oração Final.

Permita o Senhor que esta Igreja possa crescer para Sua honra e glória, para alegria dos seus membros e para levar muitas almas, pelos anos fora, ao conhecimento da Mensagem.

José M. Matos

# Os sábios ainda O seguem

(Continuação da pág. 5)

desde o berço até à crucificação, foi um exemplo para nós. A vida de Jesus ensina-nos que devemos viver para ser uma bênção aos outros. Ensina-nos a total falta de valor das coisas materiais comparadas com os valores espirituais. Ensina-nos que a tentação não é desculpa para o pecado. Ensina-nos que a paz do espírito não depende de circunstâncias exteriores. Enquanto caviladores Lhe andavam farejando os passos, enquanto ímpios homens conspiravam a Sua destruição, enquanto um dos Seus discípulos negociava a Sua traição, Ele pôde dizer: «Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou.» E este dom, nunca o retirou. É nosso ainda hoje — o bem mais valioso num mundo repleto de dificuldades e provações.

A vida de Jesus ensina-nos que a «verdadeira vida» caracteriza-se pela integridade; é orientada por princípios. O favor de Cristo não podia ser negociado. Não vendia as Suas convicções. Não podia baixar as Suas normas. Nunca foi rude ou descortês enfrentando os ataques dos Seus inimigos, mas foi inabalável na adesão aos ideais nobres e elevados.

Muito mais se poderia dizer sobre a vida de Jesus. Mas a nossa maior necessidade é de amar mais a Jesus e de procurar na nossa vida o renascimento dos princípios e ideais pelos quais Ele viveu e morreu.

A. N. Meckel conta a história de um rapazito que foi visto a entrar diversas vezes na igreja no Dia de Natal. Quando numa das vezes ia a sair, um bondoso sacerdote perguntou-lhe: «Que presente é que tu pediste ao Menino Jesus?»

«Oh,» respondeu ele, «não Lhe pedi coisa nenhuma. Estive lá dentro um bocadinho, porque O amo muito».

Podéssemos todos nós dedicar algum tempo para O amar, «só um bocadinho»! Se os homens pusessem de parte a sua ganância, o seu ódio, o seu orgulho, e a tirania das vis paixões, e amassem o Filho de Deus que é tão maravilhoso! Se assim fosse, então a quadra do Natal (apesar da inexactidão histórica) seria para todos uma bênção completa. Porque se O amarmos, procuraremos ser como Ele. E se nos tornarmos como Ele, outros se sentirão atraídos para a Sua Pessoa. E quando os habitantes da terra tiverem tido oportunidade para fazer a sua escolha, no grande conflito deste mundo, então Jesus virá. O Bebê de Belém virá como Rei dos reis e Senhor dos senhores. E os Sábios de todas as épocas da história desta terra seguirão a Sua luz, não para Belém, mas para a Nova Jerusalém. Vem depressa, ó dia glorioso!

# O DOM DE LÍNGUAS NA IGREJA DE CORINTO

(Continuação da página 9)

## Uma Coisa Parece Certa

Isto resume o que o apóstolo Paulo cria ser essencial escrever à igreja de Corinto acerca do dom de línguas e do dom de profecia, em oposição — cremos nós — à reminiscência pagã das expressões extáticas das religiões místicas da Grécia Antiga. Por certo, este assunto pode ser debatido indefinidamente, mas qualquer que seja a interpretação adoptada com respeito ao problema em discussão, uma coisa parece certa: é de natureza prática na sua aplicação à igreja. Ninguém pode, sem trair as intenções do apóstolo, utilizar o capítulo 14 para justificar o uso de «falar língua estranha» como era praticado na igreja de Corinto. Nem pode alegar que era uma questão de simples má utilização do verdadeiro dom de falar línguas estrangeiras ou de falar apenas uma língua extática. Na medida em que falar línguas — o que quer que isso queira dizer — não contribua para a edificação dos outros e da igreja, não pode ser um dom do Espírito, uma vez que as manifestações do Espírito são sempre dadas «visando um fim proveitoso» [12:7] [edição Almeida actualizada].

Segundo este princípio fundamental, várias vezes afirmado e repetido enfaticamente como uma admoestação orientadora na vida cristã, Paulo procurou corrigir, limitar, e mesmo eliminar, tudo o que não estava em harmonia com a verdade e a ordem, e também com o bem-estar e a paz da igreja. Mas ao mesmo tempo o apóstolo apresentou, com não menos insistência, o facto de que o único dom do Espírito pelo qual os homens podem transmitir aos outros a mensagem de Deus, anunciar-lhes o evangelho eterno e dirigir-lhes o coração para Ele, é o dom de profecia no sentido claramente aqui indicado [14:3]. «Porque o testemunho de Jesus é o espírito de profecia» (Apoc. 19:10).

«Irmãos, não sejais meninos no entendimento, mas sede... adultos no entendimento» (I Cor. 14:20). «O mundo não será convertido pelo dom de línguas, ou pela operação de milagres, mas pela pregação de Cristo crucificado.» — **Testemunhos para Ministros**, pág. 424.

(A continuar)

# «OLHA AGORA PARA OS CÉUS!»

Só, no escuro interior da sua tenda, Abraão ficou a meditar no destino da sua vida. Respondendo ao chamado divino, ele tinha deixado a sua terra para seguir a Deus. Era rico, respeitado, mas não tinha filhos. À gloriosa promessa: «Não temas, Abraão, Eu sou o teu escudo», havia respondido tristemente: «Ando sem filhos, e o mordomo da minha casa... será o meu herdeiro.» Ali estava a dura realidade. De um lado havia promessas de bênçãos futuras, mas do outro não havia um filho, nenhuma esperança humana. Naquela noite fazia escuro dentro da tenda do patriarca.

Mas Deus teve compaixão do Seu fiel amigo. Lemos no testemunho inspirado: «Levado para fora da sua tenda, foi-lhe dito que olhasse para as incontáveis estrelas a resplandecer nos céus; e, fazendo ele isto, foram proferidas estas palavras: 'Assim será a tua semente'. 'Creu Abraão em Deus, e isso foi-lhe imputado como justiça'. Romanos 4:3» — Patriarcas e Profetas, pág. 132.

Hoje podemos vir a ter uma experiência idêntica. Tal como Abraão, deixámos o mundo para iniciar uma longa peregrinação. Muitas promessas se repetem nas páginas sagradas, mas a realidade é muitas vezes cruel, desanimadora. Às vezes vivemos debaixo da tenda das nossas aflições — solidão, doença, sendo aparentemente esquecidos. Sim, faz escuro na nossa tenda quando ficamos sozinhos.

Mas, nessa hora de desespero também nós podemos ouvir uma voz: «Sai da tua tenda e olha para as incontáveis estrelas a resplandecer nos céus.»

«Olha para cima.» É esta a mensagem para os nossos dias, para homens que vivem na hora mais escura da história. Rodeado de calamidades,

Job levantou os olhos para o céu, para Deus «que faz a Ursa, o Orion, e o Setestrela, e as recâmaras do Sul» (Job 9:9). E a Isaías, vivendo em meio aos perigos da apostasia, Deus disse: «Levantai ao alto os vossos olhos, e vede quem criou estas coisas» (Isa. 40:26).

Foi uma estrela que guiou os sábios do Oriente na sua busca do Menino em Belém. Eles disseram ao Rei Herodes: «Vimos a Sua estrela no oriente e viemos a adorá-l'O» (Mat. 2:2). Na história, estrelas iluminaram frequentemente homens que suspiravam por uma pátria perdida. Quando estava exilado na Ilha de Patmos, na tenda da sua aflição, João o Amado, em visão, ergueu os olhos para o céu e pôde dizer: «Olhei, e eis que estava uma porta aberta no céu» (Apoc. 4:1).

«Estava uma porta aberta no céu.» Pensa! Num tempo em que na terra há «angústia entre as nações, em perplexidade», pode-se abrir uma porta de esperança. É verdade que hoje é difícil para quem viva em Nova Iorque, Paris ou Roma, ver as estrelas. As luzes e a poluição atmosférica das grandes metrópoles retiraram praticamente as estrelas do nosso campo de visão. Precisamos de dois ou três dias para ir ao campo e descobrir de novo a calma serenidade duma noite estrelada, silenciosa, onde uma voz mansa nos repete a velha mensagem: «Olha agora para os céus, e conta as estrelas» (Gén. 15:5). Essa voz trará conforto à alma que vive nestes últimos dias do nosso mundo. Ao Seu povo, aguardando a Sua vinda, dirigem-se estas palavras: «Eu, Jesus, enviei o Meu anjo, para vos testificar estas coisas... Eu sou a raiz e a geração de David, a resplandecente estrela da manhã... Certamente cedo venho» (Apoc. 22:16-20).

G. Cupertino